

Nunca fomos rebaixados

O que de fato ocorreu no Campeonato Paulista de 1990

Por Michel Serra



**JORNALISTAS
CONCORDAM: O SÃO
PAULO NUNCA FOI
REBAIXADO**

Certas coisas não podem ser esquecidas. E certas mentiras devem ser combatidas e reveladas.

O São Paulo foi mal no Paulistão de 1990. É uma verdade. Terminou na 15^a colocação em um torneio com 24 times. Uma anormalidade nunca antes vista e jamais repetida. Porém, a história é essa e termina aí. Em 1991 a vida seguiu normalmente, com o Tricolor vitorioso.

Não existiu rebaixamento. Não existiu “virada de mesa”. Não existiu coisa alguma diferente do prescrito pelo regulamento da competição. Diz o parágrafo 2º do artigo 50º dele: “No campeonato paulista da primeira divisão de futebol profissional de 1990, não haverá descenso à divisão especial de futebol profissional”.



Estádios vazios na repescagem: média de público de 1954 torcedores

SÃO PAULO FRACASSA NA REPESCAAGEM

DE MARCHA À RÉ

Na mesma quarta-feira em que o país inteiro se preparava para ver o Brasil vencer a Escócia por 1 x 0, dia 20, o São Paulo entrou em campo para massacrar o Noroeste por 6 x 1. A vitória foi assistida por 247 pagantes, menor público nos trinta anos do Morumbi. Mas não serviu para classificar o tricolor na repescagem. "Encontramos nosso time numa situação lastimável", acusa o diretor Fernando Casal de Rey, há dois meses no cargo. "Jogadores como Renatinho tiveram reajustes de 500%

para voltar a ter um dia-a-dia normal." A antiga diretoria rebate dizendo que os salários seriam devidamente reajustados após o vencimento de cada um. "A espinha dorsal do São Paulo, como Gilmar, Zé Teodoro e Raí, esperava ser chamada para a Seleção ou se transferir para o exterior", arrisca o ex-diretor Rudolph Sprenger. "A decepção refletiu-se em campo."

Com erros e acusações de ambas as partes, o decantado "time da década" iniciou os anos 90 na marcha à ré. Desde a final do Campeo-



MELSON COELHO

Nelsinho provoca a torcida: hora de sair

nato Brasileiro do ano passado, oito jogadores do time principal somaram um total de quinhentos dias no departamento médico, por contusões. Os mais velhos de casa, como Nelsinho, Renatinho e Zé Teodoro, esperam por uma transferência. "Chegou a hora", decreta o lateral Nelsinho, que não passou

um só jogo da repescagem sem receber vaia dos torcedores. Longe do título, o tricolor quer voltar a reinar ainda no segundo semestre. "O lema é vida nova", resume Casal de Rey.

PAGANDO PARA JOGAR

Após disputar dez jogos, Guarani e Botafogo se classificaram na repescagem e brigaram pelo título paulista. Mas deixaram para trás muitos prejuízos. "Ao aprovar o regulamento, jamais imaginava ver o Bugre na repescagem", confessa o vice-presidente do clube, Samuel Rossilho. A média de público das sessenta partidas chegou a 1954 pessoas. No-

roeste x Santo André, por exemplo, teve 47 testemunhas. Até agora, o time do ABC não sabe como pagar o bicho de 5 000 cruzeiros da vitória contra o São Paulo. "Gastamos 200 000 cruzeiros só para entrar em campo. Foi uma experiência amarga", afirmou o diretor Vítor Rosa.

Imagem da Revista Placar. A reportagem é de depois da desclassificação do Tricolor no Paulista de 1990 e em nenhum momento a revista fala sobre rebaixamento".

O regulamento, aprovado - claro - antes do início do campeonato de 1990, mais precisamente no Conselho Arbitral realizado em 7 de dezembro de 1989, também molda o campeonato de 1991 com o artigo 50, parágrafo 1º: "Para o Campeonato da Primeira Divisão de Futebol Profissional de 1991, o Grupo I Será constituído pelas 14 (catorze) associações classificadas para disputar a Quarta Fase do Campeonato de 1990, e o Grupo II será constituído pelas 10 (dez) associações restantes, que não se classificaram para a Quarta Fase e mais as 4 (quatro) advindas do Acesso da Divisão Especial de 1990".

Entenda por Divisão Especial a tradicional 2ª Divisão. Ou seja, como não havia rebaixamento, obviamente, ninguém caiu. Mais além, para que o São Paulo FC estivesse nessa leviana lista de descenso, outros 9 clubes deveriam ser rebaixados, já

que, de 24, o Tricolor foi o 15º. Fora o fato que, desde 1988, o Paulistão teve a fase inicial formada por 2 grupos, do mesmo modo que em 1991, com todos os clubes lutando pelo título. Também desde 1988 nenhum clube foi rebaixado! 1988 contou com 20 clubes, 1989 com 22, 1990 com 24 e 1991 com 28!

É importante observar as datas e as principais fontes do período. Na véspera da abertura do Campeonato (27/01/1990), a Folha de S. Paulo destacou: “Novamente ninguém cai para a Divisão Especial. Em 91, o Paulista terá 28 participantes... Com poucas exceções, o objetivo dos times ‘pequenos’ é ficar entre os 14 primeiros, que formarão o grupo I do campeonato de 1991. Neste grupo deverão ser registradas as maiores rendas, já que provavelmente será integrado pelos clubes da capital”. Vale notar que a preocupação era com finanças e não com rebaixamento, que não havia.

Campeonato Paulista de 90 pode ter partidas durante a Copa do Mundo

Da Reportagem Local

O Campeonato Paulista de 90 poderá ter jogos durante a Copa do Mundo. Uma fórmula confusa, com várias fases, repescagem e sem rebaixamento foi apresentada ontem pela Federação Paulista de Futebol em reunião do conselho pré-arbitral dos clubes da Primeira Divisão. A fórmula definitiva só será aprovada em dezembro. O presidente do Corinthians, Vicente Matheus, 81, foi contra. “Não entendi nada”, disse, após o encontro.

Pela proposta apresentada, o campeonato começa dia 27 de janeiro com 24 clubes (os 22 do

ano passado mais dois que sobem, este ano da Divisão Especial). Os times serão divididos em dois grupos de 12. No grupo A ficam os 12 classificados na segunda fase do campeonato de 88. Num primeiro turno, os clubes do grupo A jogam contra os times do grupo B. No segundo turno, os times jogam entre si, dentro do grupo. Classificam: os três primeiros de cada grupo mais seis por índice técnico (pontos ganhos). A fase acaba em 13 de maio, quando começa a preparação da seleção para a Copa.

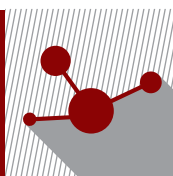
Os 12 clubes eliminados vão disputar, durante o Mundial da Itália, uma repescagem. Eles

serão divididos em dois grupos de seis. Os jogos serão dentro da chave. Os vencedores do grupo também se classificam à segunda fase, que terá 14 clubes. Eles começam a jogar a fase semifinal dia 15 de julho, divididos em dois grupos de 7, com jogos dentro do grupo. Os vencedores de cada grupo decidem o título.

Não haverá rebaixamento e, em 91 (ano de eleição na FPF), o Campeonato Paulista terá 28 clubes. Além dos 24 que vão disputar o torneio no ano que vem, mais quatro times vão subir da Divisão Especial. Assim, o campeonato ficará sem o descenso pelo terceiro ano consecutivo.

*Recorte de reportagem
da Folha de S. Paulo*

**VEJA O REGULAMENTO
NA ÍNTEGRA**



Em termos jurídicos, conforme a resolução 17/1986 do Conselho Nacional de Desportos – entidade máxima do esporte no Brasil naquele período (Decreto-Lei 6251/1975) – somente o conselho arbitral, e as normas e regulamentos por ele impostos, tinha poder sobre os modelos e especificidades de cada competição. A decisão não cabia mais exclusivamente às Federações. Tudo era decidido pelo colegiado de clubes que formava o conselho arbitral (cada clube possuía um peso diferente e número de votos equivalente ao peso).

CAMPEONATO PAULISTA

FUTEBOL EM DÚZIAS

São 24 clubes correndo atrás da bola até setembro. Por mais que os cartolas inventem, outra vez a arte dos craques e a paixão dos torcedores falarão mais alto em São Paulo

O 89.º Campeonato Paulista da história tem, para variar, um regulamento digno de um gênio do mal (leia na pág. 14). E, para piorar, o sonho megalomaniaco do presidente da Federação, Eduardo Farah, ainda desta vez pariu uma competição sem descenso. Como se não bastasse, as primeiras fases valem pouco, quase nada.

Então, os grandes clubes esperam o desenrolar do Campeonato para verificar se precisam de reforços e os demais relaxam, certos de que não cairão. É claro que há exceções, como poderá ser verificado nas páginas seguintes. E há, também, a velha paixão do torcedor, capar de sobreviver às invenções diabólicas dos cartolas e à pouca coragem dos clubes grandes, que aceitam fórmulas estapafúrdias.

O paulistense, por exemplo, tem uma obsessão que prevalece sempre: quer porque quer o título estadual que conquistou 18 vezes e não comemora há 13 anos. Desde a fundação, em 1914, aliás, a década dos 80 foi a primeira passada em branco pelo Verdão. Mas os 90 estão aí.

E tem, também, a ousadia dos clubes do rico interior paulista, dispostos a repetir a façanha da Internacional de Limeira, campeão de 1986.

Por isso, e apesar de tudo, nada impede que tenhamos bom futebol desde a primeira rodada — que será inaugurada neste próximo sábado. Porque, afinal, a tranquilidade que a fórmula pouco competitiva permite aos 24 clubes participantes pode, contraditoriamente, favorecer o futebol bem jogado e sem violência.

É o que desejamos.



O tricolor confia na estrutura e na experiência de craques como Rai

SÃO PAULO

TRANQUILIDADE DE CAMPEÃO

Em qualquer outro clube a lista de problemas que envolve o São Paulo deixaria dirigentes, jogadores e, principalmente, torcedores bem apreensivos. Afinal, os contratos de craques importantes como o goleiro Gilmar, o lateral Nelson e o volante Bernardo não haviam sido renovados até o fim da semana passada. Outra estrela, o ponta Edivaldo, preferiu ir para o Puebla, do México. E o técnico Carlos Alberto Silva já avisou que só fica no Morumbi até abril.

Essas histórias todas, no entanto, pouco preocupam o são-paulino. Em 1989, ele via o clube começar o ano metido em problemas parecidos e, como todos lembram, o tricolor chegou ao fim da temporada campeão estadual, vice-brasileiro e com o indiscutível título de time paulista da década.

Por isso o impassível diretor de futebol Marcelo Portugal Gouveia segue apostando na mesma filosofia vencedora dos anos 80. Se algum ídolo deixar o clube, a ordem é apostar em valores casciros como Renatinho, Anselmo e Cafu. Perder o técnico no meio do campeonato também não assusta a quem tem dinheiro para escolher entre os melhores nomes do mercado.

Além disso, num campeonato cheio de fases iniciais quase sem valor, o São Paulo sabe que terá tempo para se armar. E os cartolas confiam na experiência de Ricardo Rocha, Rai e Bobô para manter a sina de time de chegada. Pois, no Morumbi, não importam os meios, mas sim os fins.

PLACAR 26 01 1990

CAMPEONATO PAULISTA

mes que estão neste grupo intermediário, aparece a Ferroviária. Ela andou meio fora dos trilhos na última temporada, com desempenhos abaixo de suas tradições, mas promete se recuperar da má fase. Apenas cinco jogadores escaparam da virada de mesa realizada no clube. A diretoria investiu 700 000 cruzados novos na contratação de nove jogadores — entre eles, o promissor zagueiro Olavo.

OS PEQUENOS

A ORDEM É ECONOMIZAR

Ao se deparar com um Campeonato Paulista longo e complicado e ainda em ano de Copa do Mundo, o diretor de futebol do Juventus, Roberto Archina, anteviu um cenário com estádios vazios e rendas fráguasimas. "Então nós vamos gastar dinheiro com reforços para quê?", perguntou, numa indagação que ecoou nos ouvidos e bolsos de outros dirigentes.

Assim, aproveitando a extinção do descenso, nove clubes, entre eles o próprio Juventus, adotaram a lei da inércia futebolística e resolveram "deixar tudo como está para ver como é que fica". Ou seja, nada de loucuras nas contratações.

O XV de Jai levou a ordem a sério. "A equipe vai ser a mesma do ano passado", avisou o gerente de futebol Angelo Gabriel dos Santos, que, para economizar ainda mais, pretende dispensar 15



Sem e descenso, times como o Juventus decidiram não investir em contratações, preferindo esperar o andamento do campeonato

dos 45 jogadores do elenco. Outro que adota a mesma filosofia maquiavélica é a Catanduvense. Enquanto o modestíssimo time tentará fugir dos vestígios no campeonato, os cartolas desviarão os olhos dos cruzados novos para a reforma do Estádio Silvio Sales.

As obras no próprio estádio também são a justificativa do América. Mas até que os torcedores de São José do Rio Preto pudessem comemorar a chegada de alguns reforços, entre eles o veterano ponta Marinho. "Gastamos 300 000 cruzados novos", explica o presidente Benedito Teixeira. "Era o máximo."

Infeliz do técnico Norberto Lopes, do Noroeste, que nem is-

so teve. Às vésperas da estreia contra o Corinthians, ele se impacienta com a falta de contratações. "Sem um centroavante, pelo menos, não dá nem para começar", argumenta.

Ironicamente, Formiga, treinador do Santo André, vive a mesma penúria de reforços, mas não reclama. Encantado com o bom desempenho do time de juniores na Taça São Paulo, o técnico vai montar uma equipe bem a seu gosto, com muitos valores juvenis. "Vamos confiar no talento dos garotos", justifica Formiga.

A ideia de valorizar os juniores — uma política muito econômica, por sinal — também encontra defensores no Botafogo.

Com a saída de Sócrates, que preferia ficar longe do futebol neste ano, o clube perdeu sua única estrela. "Para manter um bom nível, foi preciso reestruturar a equipe", afirma o técnico José Galle Neto.

Já o Mogi-Mirim preferiu apostar na experiência — sem grandes despesas, é claro. Trouxe o técnico Pedro Rocha e o goleiro Moacir, ex-Ponte Preta e Portuguesa. Enquanto isso, no Novorizontino, o técnico Nelson clama por três meias e dois pontas. Ele quer formar um time ofensivo. "Como não tem rebaixamento, os times pequenos podem se dar a esse luxo", analisa. Bem, pelo menos isso.

UM REGULAMENTO DO OUTRO MUNDO

O mistico Campeonato Paulista, que começa no próximo dia 27 com o jogo Noroeste x Corinthians, será disputado por 24 clubes em cinco fases. Tente entender sua fórmula esdrúxula. Na primeira fase, os 24 times serão divididos em dois grupos. O I será formado pelas onze equipes mais bem classificadas no Campeonato Paulista de 1989 (São Paulo, São José, Corinthians, Botafogo, Santos, Mogi-Mirim, Palmeiras, Novorizontino, Portuguesa, União

São João, Guarani e Internacional) e o II pelas demais (XV de Piracicaba, XV de Jai, Juventus, Catanduvense, São Bento, Ferroviária, Santo André, América, Noroeste, Botafogo, Ponte Preta e Juazeiro). Como nos dois anos anteriores, não haverá rebaixamento.

Na primeira fase, os clubes do Grupo I jogarão contra os do II. Na segunda, os três melhores times de cada grupo se enfrentarão dentro do próprio grupo. Os três melhores times de cada grupo se enfrentarão para a quarta fase — a terceira é a repescagem —, que será disputada ainda pelos seis participantes que conseguirem o melhor índice técnico — maior número de pontos — na coleçãoção geral, num total de doze times. Os que mesmo assim não con-

seguiam se classificar terão sua última chance na repescagem, que será disputada durante o período da Copa do Mundo. Nesta, os outros doze clubes serão divididos em dois grupos de seis, com jogos de turno e retorno somente dentro da própria chave.

Terão direito a continuar no Paulista apenas os primeiros colocados de cada grupo. Os quatro clubes da quarta fase serão divididos em duas séries: a "Vermecha" e a "Preta", que jogarão entre si, dentro da própria série, em turno e retorno. Finalmente, o primeiro da série "Vermecha" e o primeiro da série "Preta" disputarão a fase final. As equipes jogarão entre si, em ida e volta, sagrando-se campeão paulista a que obtiver maior número de pontos ape-

nas essas duas partidas. No caso de igualdade no tempo normal e na prorrogação, os critérios de desempate são, pela ordem: maior número de vitórias, melhor saldo de gols, confronto direto e menor número de gols sofridos. Se mesmo assim persistir o empate, haverá um sorteio público, na sede da Federação, para definir o campeão. Curiosamente os dois finalistas podem não ser os representantes de São Paulo na Copa do Brasil. As vagas serão preenchidas pelo primeiro colocado do Grupo I e pelo primeiro colocado do Grupo II, ao final da segunda fase. Assim, pelo menos uma equipe considerada pequena terá sua chance garantida na Copa do Brasil de 1991.

UM REGULAMENTO DO OUTRO MUNDO

O maluco Campeonato Paulista, que começa no próximo dia 27 com o jogo Noroeste x Corinthians, será disputado por 24 clubes em cinco fases. Tente entender sua fórmula esdrúxula. Na primeira fase, os times serão divididos em dois grupos. O I será formado pelas doze equipes mais bem classificadas no Campeonato Paulista de 1989 (São Paulo, São José, Corinthians, Bragantino, Santos, Mogi-Mirim, Palmeiras, Novorizontino, Portuguesa, União

São João, Guarani e Internacional) e o II pelas demais (XV de Piracicaba, XV de Jaú, Juventus, Catanduvense, São Bento, Ferroviária, Santo André, América, Noroeste, Botafogo, Ponte Preta e Ituano). Como nos dois anos anteriores, não haverá rebaixamento.

Na primeira fase, os clubes do Grupo I jogam contra os do II. Na segunda, só se confrontarão dentro do próprio grupo. Os três melhores times de cada chave classificam-se para a quarta fase — a terceira é a repescagem —, que será disputada ainda pelos seis participantes que conseguirem melhor índice técnico — maior número de pontos — na colocação geral, num total de doze times. Os que mesmo assim não con-

seguirem se classificar terão sua última chance na repescagem, que será disputada durante o período da Copa do Mundo. Nella, os outros doze clubes serão divididos em dois grupos de seis, com jogos de turno e retorno somente dentro da própria chave. Terão direito a continuar no Paulistão apenas os primeiros colocados de cada grupo.

Os catorze clubes da quarta fase serão divididos em duas séries: a "Vermelha" e a "Preta", que jogarão entre si, dentro da própria série, em turno e retorno. Finalmente, o primeiro da série "Vermelha" e o primeiro da série "Preta" disputarão a fase final. As equipes jogarão entre si, em ida e volta, sagrando-se campeã paulista a que obtiver maior número de pontos ape-

nas nessas duas partidas. No caso de igualdade no tempo normal e na prorrogação, os critérios de desempate são, pela ordem: maior número de vitórias, melhor saldo de gols, confronto direto e menor número de gols sofridos. Se mesmo assim persistir o empate, haverá um absurdo sorteio público, na sede da Federação, para definir o campeão. Curiosamente os dois finalistas podem não ser os representantes de São Paulo na Copa do Brasil. As vagas serão preenchidas pelo primeiro colocado do Grupo I e pelo primeiro colocado do Grupo II, ao final da segunda fase. Assim, pelo menos uma equipe considerada pequena terá sua chance garantida na Copa do Brasil de 1991.

PLACAR 26/01/1990

Matéria Complementar: A verdade sobre o campeonato paulista de 1990.
Artigo de Alexandre Giesbrecht

O descrédito daqueles que falam em rebaixamento

Desta maneira, de nada vale a reportagem da Folha de S. Paulo (o mesmo jornal que no início de 1990 disse que não haveria rebaixamento) dar voz ao presidente em exercício da FPF, Antoine Gebran, na reportagem de 19 de junho de 1990, com um texto ambíguo e que contradiz o notório regulamento publicado meses antes, afirmando que o São Paulo seria rebaixado e que o Campeonato de 1991 seria assim ou assado, sendo que nem ele, nem ninguém na FPF, tinha respaldo jurídico algum para impor essas condições. Não era ele quem tinha poder para decidir isso, ainda mais indo contra o regulamento que, sim, tinha embasamento legal.

Ao contrário do que dizem, caso um rebaixamento forçado por terceiros ocorresse é que seria, de fato, uma virada de mesa. Aqueles que defendem ou defendiam isso é que pregam ou pregavam o futebol decidido na canetada. Pois bem, o conselho arbitral de 1991 manteve a ordem e o que foi instituído no regulamento de 1990 e o São Paulo não sofreu esse golpe.

Além disto, tudo é lenda (ou má fé). E ponto final.